

Capítulo 12

Sair, Voltar ou Ficar: A Problemática da Juventude Rural da Vila de Entre Rios – RR

Jefferson Fernandes do Nascimento¹

João Henrique Rocha²

Sheila Mangoli Roha³

Introdução

A compreensão acerca da saída ou permanência dos jovens rurais da Vila de Entre Rios, em Roraima, após a conclusão do Ensino Médio, está de alguma forma incorporada ao processo de construção ou desconstrução da identidade desses sujeitos com o meio rural. Seja por fatores relacionados ao desenvolvimento educacional e profissional, seja por descontentamento com o modo de vida no campo, as razões que motivam esses movimentos migratórios são relevantes para o futuro das comunidades rurais roraimenses.

Entre outros aspectos, é necessário esclarecer se a permanência no campo está atrelada a vínculos sociais e afetivos, como aqueles estabelecidos com a localidade e com a comunidade, ou se, para os que migram, o apelo educacional prevalece entre os fatores que determinam essa decisão. Por meio do estudo de caso, considerando-se a Vila como objeto de análise, buscamos compreender essa problemática evidenciada na migração educacional de jovens em direção às grandes cidades.

Como asseveram Brumes e Silva (2011, p. 123): “As migrações, no Brasil, tiveram um caráter acentuadamente compulsório, e os migrantes foram vistos como sujeitos expropriados e, por isso, forçados

1. Educador do Campo (UFRR); e-mail: jeffersonr720@gmail.com

2. Agrônomo; doutor em Sistemas de Produção Agrícola Familiar (UFPEL); e-mail: joao.henrique@ufrr.br

3. Pedagoga; doutora em Educação (UFPEL); e-mail: sheila.mangoli@ufrr.br

a uma peregrinação constante na busca de trabalho, renda e melhores condições de vida”.

Mas pode haver outros fatores a serem observados, em especial na migração da juventude, conforme nos coloca Leão (2015), pois muitas vezes há jovens que estão fisicamente no campo, mas vivem experiências e práticas sociais voltadas e vinculadas ao meio urbano. Ao analisarmos essas perspectivas, percebemos que existem diversas possibilidades de construção ou desconstrução da identidade camponesa, dependendo a qual dos espaços – rural/campo ou cidade/urbano – os jovens estão mais inclinados em suas relações sociais.

As relações construídas na comunidade constituem um fator importante no cerne dessa questão, mas o rompimento com seu modo de vida e a descontinuidade da trajetória no campo também se configuram como fatores centrais para o ingresso em uma realidade bastante distinta daquela que lhes é familiar.

Muitas vezes, ao falarmos de jovens rurais brasileiros, pensamos precipitadamente em pessoas com pouca escolarização, inseridas nas atividades agrícolas desde muito cedo, e cujas possibilidades de lazer e sociabilidade seriam mais limitadas em comparação àquelas de jovens que residem no meio urbano. No entanto, como bem afirma Leão (2015, p. 22): “Apesar de nossa sociedade ter muitas desigualdades, não podemos generalizar a diversidade dos espaços geográficos”.

Como relata Medeiros (2013, p. 109), “os espaços, sociedades e hábitos das populações rurais foram se modificando e se assemelhando ao das cidades no decorrer dos anos e com os avanços das mídias e dos meios de comunicação instantâneos como televisão e internet”.

Portanto, se os hábitos e costumes urbanos estão sendo incorporados pelos residentes do campo, especialmente entre os mais jovens, é preciso considerar a pouca valorização, tanto econômica quanto social, da agricultura familiar e das demais atividades tipicamente rurais como um fator determinante para a saída desses jovens. Em uma perspectiva geral, é possível ressaltar que o processo de migração de pessoas de um lugar para outro – notadamente, jovens que deixam o meio rural em direção ao meio urbano – contribui para a desconstrução da identidade do indivíduo com seu modo de vida e com o seu lugar de origem.

Viver no meio rural também tem sido, frequentemente, sinônimo de inserção em atividades econômicas de baixa remuneração e escolaridade, embora o agronegócio, em determinados bolsões de riqueza, venha promovendo uma demanda crescente por profissionais especializados. Assim, observa-se uma tendência: indivíduos com maior escolarização no meio rural demonstram maior propensão à migração, por apresentarem mais chances de inserção no mercado de trabalho urbano.

Mas, especificamente, o que tem motivado a saída dos jovens da comunidade rural de Entre Rios? Quais são os fatores, sejam eles relacionados à educação, às perspectivas de qualificação profissional, ou ainda de natureza social, financeira, familiar ou religiosa, que explicam esse movimento? Estas são as inquietações que nortearam esta pesquisa e que serão abordadas ao longo deste trabalho.

Tópicos Metodológicos da Pesquisa Realizada

O trabalho realizado teve como objetivo identificar os motivos que impulsionam o movimento migratório de jovens rurais da Vila de Entre Rios, ou seja, a sua saída ou permanência, bem como verificar se há um processo de desconstrução da identidade com o campo e de vínculo com a terra (lugar de origem do indivíduo), especialmente no que se refere à possibilidade de retorno desses jovens ao meio rural após o processo migratório para os grandes centros urbanos.

O público-alvo da pesquisa são jovens com idades entre 16 e 25 anos, estudantes da rede pública de ensino que residem na referida vila, além de jovens que se mudaram para a cidade de Boa Vista, permanecendo ou não por lá. Buscou-se compreender melhor os fatores que impulsionam, ou não, a saída de grande parte desses jovens do campo e, em especial, verificar se há conflitos de identidade relacionados ao apelo social e cultural entre o rural e o urbano.

A pesquisa foi realizada na região sul do estado de Roraima, na zona rural, especificamente na Vila de Entre Rios, conforme pode ser visualizado na Figura 1.



Figura 1 Vila de Entre Rios (RR). *Fonte:* Arquivo pessoal (2018).

A região de Entre Rios é uma área onde a maioria dos moradores está dividida entre servidores públicos do município e do estado, agricultores familiares, indígenas, comerciantes e empresários. Grande parte da população já possuiu ou ainda possui uma propriedade rural, o que justifica sua seleção como caso de estudo.

A região onde se localiza a vila tem uma população estimada entre 1.500 (mil e quinhentos) e 2.201 (dois mil duzentos e um) habitantes, conforme relata Schmitt (2015). Por se tratar de um local pequeno, onde todos se conhecem e frequentam os mesmos espaços, foi possível localizar rapidamente os jovens colaboradores.

O aparato metodológico esteve sustentado no estudo de caso, visto tratar-se da Vila de Entre Rios, com sua história e características sociais e econômicas que a diferenciam de outras comunidades do restante do estado. Triviños (1987, p. 133) define o estudo de caso como “uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente, tendo como objetivo aprofundar a descrição de determinada realidade a ser trabalhada”.

A pesquisa de campo foi essencialmente qualitativa, considerando-se a busca pelos valores e pela essência das decisões tomadas pelos

jovens entre a permanência e a saída do meio rural, por meio da realização de entrevistas. Para Gil (2002), esse tipo de estudo, em que são observados os fatos e fenômenos por meio da coleta de dados que referenciam as situações, motivos e ocorrências, contribui para a análise e interpretação das informações obtidas.

As informações foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas, uma modalidade bastante utilizada em pesquisas qualitativas, em que se buscam os dados onde eles acontecem, de forma pouco invasiva à vida do entrevistado, tornando o processo e os colaboradores partes indispensáveis da pesquisa.

Segundo Gil (2002, p. 138), nas entrevistas semiestruturadas, “o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada”. Trata-se de um diálogo mais aberto, no qual o pesquisador deixa que as respostas fluam conforme a compreensão do entrevistado sobre o tema. Já de acordo com May (2004, p. 149), “o seu caráter é aberto, ou seja, na pesquisa semiestruturada o entrevistado responde às perguntas dentro de sua concepção”, cabendo ao entrevistador garantir que o foco da entrevista não seja perdido, evitando desvios graves do assunto.

Nossas entrevistas contaram com perguntas sobre convívio social, familiar, profissional, perspectivas para o futuro e vivências da população em geral de Entre Rios e de localidades próximas.

Especificamente, trabalhamos com quatro grupos: alunos concluintes do Ensino Médio no ano de 2017, que manifestaram ou não o desejo de sair da vila; e egressos do Ensino Médio, subdivididos em três categorias: os que permaneceram no ambiente rural após a conclusão do curso; os que saíram para estudar em instituições como a UFRR (Universidade Federal de Roraima) e outras entidades de ensino técnico ou superior; e os que, após concluírem o Ensino Médio, deixaram o meio rural e não retornaram.

Inicialmente, o critério previsto para a seleção dos jovens era a análise de uma lista a ser obtida na secretaria da Escola Estadual Professor Vidal da Penha Ferreira, que permitiria identificar os concluintes e egressos do Ensino Médio nos cinco anos anteriores, de 2012 a 2017. Como não foi possível realizar essa análise, optou-se por um segundo

método de seleção, com a coleta de dados diretamente na comunidade, por meio da identificação registrada na memória do pesquisador.

Identidade e Ruralidade

A identidade é um reconhecimento social que vai sendo construído nas atividades cotidianas, não sendo possível separá-la das relações sociais. As questões principais do texto perpassam a busca por melhores condições de vida, por sonhos e anseios maiores que, em muitos casos, não podem ser alcançados na localidade rural. No entanto, se esses sonhos e anseios não se concretizarem, a nova identidade urbana em construção passa a ser ameaçada pelos valores e pela cultura deixados no campo.

A Identidade Social

Em um primeiro momento, pode-se entender identidade como um traço que nos define enquanto sujeitos pertencentes a um meio social, com características distintas dos demais com os quais interagimos. No entanto, a identidade também pode ser compreendida como um modo de comparação ou de aproximação, tornando alguém semelhante a outra pessoa por apresentar características parecidas. Essas duas formas distintas ocorrem simultaneamente. Podemos adquirir traços semelhantes aos de outras pessoas, mas, de forma particular, utilizamos essas características para nos diferenciar. Nenhum ser nasce com uma identidade pronta; esta é construída conforme as interações com o meio ao qual o indivíduo tem acesso e do qual faz parte, o qual lhe apresenta formas, conceitos e modos de convívio. É, então, a partir desses elementos que o indivíduo realiza suas próprias análises e formula sua maneira de perceber a realidade, eliminando o que não lhe interessa e incorporando aquilo que lhe parece conveniente, seja de forma adaptada ou conforme já existente. Esse processo se renova ao longo da vida de cada pessoa.

Numa sociedade onde os espaços são constantemente redefinidos, o dualismo cidade-campo precisa ser questionado. Para entender essa constante reconstrução do espaço é necessário captar as nuances

que existem entre homogeneidade e heterogeneidade, igualdade e diferença, continuidade e descontinuidade. A determinação do espaço dá-se, por isso, tanto no contexto das características naturais de cada lugar como também na memória de cada indivíduo que determina a percepção do lugar em que vive (Marschner, 2011, p. 51).

O que deve ser compreendido é que existem diferentes formas de se observar um mesmo lugar, e isso nem sempre significa uma perda de identidade ou uma desvinculação das características desse espaço. Assim, constata-se que a identidade pode ser mutável, não fixa, mas variante, conforme a transitoriedade e a relação que um indivíduo estabelece com outros ambientes nos quais está inserido, bem como os valores sociais e culturais adquiridos a partir de seu vínculo com esse espaço geográfico e social.

A identidade social está, por meio da própria consciência, associada a um significado emocional e avaliativo de pertencimento, com laços e vínculos que a pessoa adquire ao longo da vida com um ou vários grupos sociais dos quais participa. Muitas vezes, o ser humano, ao sofrer influências do meio social em que convive, é conduzido por tendências e correntes de pensamento do grupo a que pertence. Dessa forma, a sociedade da qual o indivíduo participa pode ser tanto a fonte quanto o meio por onde ele adquire e fortalece laços afetivos com os grupos sociais a que está vinculado.

Quanto ao termo *ruralidade*, este é amplamente utilizado para “referenciar conjuntos de fenômenos e acontecimentos sociais de ocorrência no meio rural onde são desempenhadas atividades agrícolas” (Medeiros, 2013, p. 107). Pode-se dizer que se trata de uma identidade de aproximação que o homem estabelece com a terra, um vínculo construído com o campo, com o ambiente rural, representando a participação e a apropriação simbólica nas práticas e relações com a terra.

O campo, também conhecido como espaço rural, possui suas peculiaridades, seu “jeito de ser”, ressaltando-se que esse estado é dinâmico e em constante evolução. Como argumenta Laubstein (2011, p. 94), “o campo passa hoje por um novo desenvolvimento, onde estão se incorporando novas atividades, entretenimento, serviços, produtos agropecuários voltados ao mercado e à cultura desses homens e mulheres do campo”.

Ainda nos dias atuais, muitos estudos e reflexões são desenvolvidos acerca da dicotomia rural-urbano. São pesquisas que buscam conceituar, de forma cada vez mais atual e relevante, o que é rural ou urbano no contexto dos povos brasileiros, levando-se em consideração os valores históricos de cada termo. Conforme Marschner (2011, p. 42):

Nela, o campo ressurgue como um espaço emancipatório, como território fecundo de construção da democracia e da solidariedade, ao transformar-se no lugar não apenas das lutas pelo direito à terra, mas também pelo direito à educação, à saúde, à organização da produção, pela soberania alimentar, pela preservação das águas, entre outros.

Diferentemente do que se via em tempos passados, os povos do campo, conforme Arroyo, Caldart e Molina (2004), compreendendo desde o pequeno agricultor familiar, passando pelos povos da floresta, quilombolas, povos indígenas, pescadores, ribeirinhos, lavradores, extrativistas, roceiros, sem-terra, traduzidos como povos de lutas e resistências, apesar da significativa perda populacional no meio rural, nunca perderam sua identidade, raízes e vínculos com a terra. Ainda hoje, reconhecem seu papel social fundamental, contribuindo com a sociedade e com as gerações futuras que habitam esse espaço geográfico.

O movimento que hoje se conhece como Educação do Campo também é fruto de muitas dessas lutas, de pessoas que acreditaram, se identificaram e compreenderam que são necessárias mudanças no cenário nacional no que diz respeito à educação no meio rural. Nesse contexto, torna-se essencial assegurar uma educação diferenciada, voltada para as práticas, os costumes, os saberes e as formas como esses sujeitos se percebem.

Modernização do Rural

Vemos hoje, com base em um passado recente, um processo de modernização da agricultura que se distancia de uma parte da sociedade que luta pelos valores agregados à terra e ao campo. Segundo Marschner (2011, p. 47):

O avanço do capital agroindustrial impôs limites ao saber-fazer dos povos do campo. Trata-se de um processo onde fazer é separado do saber, numa sistemática subordinação no trabalho, na escola, no trabalho, na vida. Aqui dão-se duas formas de subordinação do campo: não só a subordinação ao modo de produção capitalista, mas a uma forma de compreensão da realidade, agora hegemônica pela cidade. Este é o grande embate de projetos de vida do campo, não raro, marcados por uma enorme fragilidade da autoestima, especialmente entre os jovens do campo, um sentimento de fracasso que, por vezes, materializa-se em autoexclusão.

Esses conhecimentos empíricos do campo não podem ser esquecidos, sequer sufocados pelos novos conhecimentos, mas precisam ser respeitados e conservados como parte integrante dos valores de uma sociedade que tem seus próprios modos de interação com o meio do qual são parte, fazendo uso consciente e sustentável da terra.

Por outro lado, os padrões entre campo e cidade estão se integrando, e o que era tradicional ou diferencial entre esses dois ambientes, hoje, está se encaminhando para um processo transformador que torna o rural mais urbanizado. É o renascimento da modernidade no rural, por meio das complexas redes de relações de pessoas que interagem com o urbano e o rural ao mesmo tempo. Como diz Rua (2006, p. 87), “é a (re)organização do rural recriando as novas lógicas através do capitalismo”.

É necessário, mais uma vez, romper com as diferenças impostas pelo sistema capitalista para se chegar novamente a um ponto de equilíbrio no qual campo e cidade se integrem de maneira harmônica. A educação de qualidade pode ser um excelente caminho para chegar a um nível de equilíbrio, no qual cidade e campo representariam apenas uma opção de vida e de respeito às escolhas de cada indivíduo.

Por isso, já não se fala apenas em formação para agricultores, mas em Educação do Campo, como uma ampliação dos horizontes do projeto. Para além de capacitações técnicas reflete-se sobre a amplitude do projeto, dos campos de saberes que preci-

sam ser articulados e do reconhecimento público, das conquistas políticas para os trabalhadores do campo (Marschner, 2011, p. 47-48).

O processo supõe também, como resultado da relação de alteridade, a reafirmação de valores e modos de vida locais, sobretudo os que são elaborados no interior do universo familiar.

O contraste entre cidade e campo, formulado nos discursos das organizações camponesas, respondem, num primeiro momento, ao processo de formação da identidade. São discursos e representações que buscam construir uma especificidade, uma distinção (Marschner, 2011, p. 50).

Em contrapartida ao que diz respeito às diferenças entre o homem do campo e o da cidade, nota-se uma desconstrução gerada pela desvalorização do homem urbano em relação ao homem do campo, evidenciada na tentativa de menosprezar os valores culturais e sociais das pessoas que optaram pela vida no meio rural.

A Realidade da Migração da Juventude em Entre Rios

Podemos entender a juventude da comunidade de Entre Rios pela forma de viver em contato próximo com a natureza e com as pessoas que compõem esse meio social, caracterizando típicos lugares existentes Brasil afora. Isso também significa ver o tempo passar, viver na calma e desfrutar da tranquilidade que ainda pode ser encontrada nos dias longos e bem aproveitados ao lado de familiares e pessoas amigas, bem conhecidas, onde existe a possibilidade de viver do que se planta, espiando o desenvolvimento e a modernidade que pouco chegam ao campo.

O cenário apresentado evoca diferentes comportamentos quando se trata dos anseios da juventude local em relação às suas representações sociais sobre o rural e o urbano. Os resultados obtidos nas entrevistas com os jovens moradores e ex-moradores da Vila de Entre Rios retratam essa diversidade, mas também indicam caminhos.

Estudantes Concluintes do Ensino Médio

Nesse grupo, composto por jovens com idade entre 16 e 21 anos, predomina um perfil mais urbanizado, ou seja, indivíduos com elevado grau de urbanidade, que se sentem mais identificados com a cidade do que com o campo, apesar de sempre terem morado na zona rural. A maior parte desses jovens, assim como seus pais, não possui vínculo com as atividades agrícolas e familiares do campo.

A maioria não tem pretensões de permanecer na zona rural após a conclusão do Ensino Médio. Um dos principais motivos para essa decisão é a preocupação desses jovens em conquistar uma profissão que lhes permita progredir na vida, uma vez que não enxergam essa possibilidade no campo, dada a inexistência de oportunidades profissionais na Vila e em suas proximidades.

De modo geral, não acreditam que o campo possa oferecer os recursos essenciais para sua permanência. Caso optem por permanecer, isso se daria unicamente em função dos vínculos familiares, como evidencia o relato de um dos entrevistados a seguir:

Se tivesse melhorias eu ficava. Eu gosto daqui, aqui é calmo, é tranquilo, mas a questão é que eu não quero viver às custas dos meus pais pelo resto da vida. Eu penso comigo e levo isso comigo, que eu quero retribuir tudo o que eles já fizeram para mim e, no mundo que a gente vive hoje, só conseguimos alguma coisa se tivermos estudo. A gente só é alguma coisa na vida com estudo. E para isso eu preciso sair daqui e estudar. Procurar uma melhora de vida, né (Entrevistado 4).

Segundo Neri, Melo e Monte (2012), mesmo havendo, ao longo dos anos, uma tentativa do Ministério do Desenvolvimento Agrário de construir e implementar um conjunto de políticas públicas voltadas a impulsionar um novo padrão de desenvolvimento no meio rural, com vistas à sustentabilidade e à igualdade de direitos, já assegurados por lei às populações do campo, respeitando a diversidade de culturas e os modos de organização, ainda não foi possível atender plenamente ou disseminar tais políticas.

O conjunto de fatores, como a infraestrutura desfavorável da zona rural, a escassez de oportunidades de trabalho e a ausência de cursos com certificação, contribui para a percepção de que, na cidade, existem possibilidades de estudo e perspectivas mais promissoras. Ainda que desafiadora, a migração para o meio urbano habita o imaginário da juventude, sustentada pela convicção de que, apesar das dificuldades, vale a pena deixar a zona rural em busca de qualificação profissional.

Cara, eu pretendo fazer uma faculdade, se eu passa nesse vestibular da federal que é em Boa Vista, que é para atuar e fazer lá. Eu pretendo sair daqui do interior para morar na cidade grande para mim trabalhar lá e estudar. Porque no interior, as únicas coisas que tem no interior, ou tu vai ser professor, ou tu vai ser político, porque é o que tem aqui. Na cidade grande não. Na cidade grande tem várias propostas de empregos que tu possa atuar; que não seja professor e também não seja político. Então eu pretendo sair daqui. Mas se for para ficar aqui, eu vou ter que fazer uma faculdade de quê? Para mim ficar, eu vou ter que tipo... dar aula. Porque é a única coisa que tem, porque político eu não quero ser. Então, para mim ficar, eu vou ter que fazer uma faculdade para mim dar aula aqui. Agora, o que eu pretendo mesmo é sair daqui para ir morar na cidade grande, para mim estudar e arranjar um emprego que não seja professor, mas sim outra coisa (Entrevistado 2).

Entretanto, também as atratividades do campo foram reveladas na fala dos entrevistados, como a convivência familiar, a liberdade para ir e vir, a paz do lugar, a tranquilidade, o sossego, a calma, e o fato de conhecerem todas as pessoas do local: “é um lugar bom para se viver”. Isso pode ser observado nesta resposta:

É porque aqui é tranquilo. Aqui ó, no dia que nós estamos aqui, anda sozinho de pé. Não. Mas é bom porque aqui é tranquilo, menino. Aqui é tranquilo ainda, não tem ladrão ainda, nós fica ali fora, calma, paz, lazer, aqui. Vive com pouco aqui, mora no

lote. Come uma abóbora, tu come e passa o resto do dia, não morre de fome (Entrevistado 1).

As principais argumentações dos jovens entrevistados giram em torno da busca por melhores condições de vida ou da realização de sonhos e anseios que, em muitos casos, não podem ser concretizados no meio rural. Embora alguns relatos descrevam o campo como um lugar tranquilo, essa característica, por si só, não é suficiente para justificar a permanência. Há fatores sociais que influenciam diretamente essa decisão, os quais estão incorporados ao processo de construção, ou desconstrução, do vínculo identitário do indivíduo com o seu lugar de origem.

Jovens Que Deixaram o Meio Rural

Neste grupo, os entrevistados são jovens com idade entre 20 e 25 anos que residem na cidade de Boa Vista. Nossos objetivos concentraram-se em compreender os motivos que levaram esses jovens, originalmente moradores do campo, a se mudarem para a capital do estado.

Três dos cinco entrevistados relataram ter nascido em Boa Vista e, ainda nos primeiros dias ou anos de vida, mudaram-se para a Vila de Entre Rios. Os outros dois nasceram nos estados de São Paulo e Pará e também migraram, ainda na infância, para o interior do estado de Roraima. Todos viveram praticamente toda a infância no interior, em contexto rural; alguns chegaram a morar em vicinais por um período, antes de se fixarem na Vila de Entre Rios. Quase todos cursaram o Ensino Fundamental na escola da comunidade, com exceção daqueles que estudaram temporariamente em vicinais. Todos concluíram o Ensino Médio na escola da vila.

Após a conclusão do Ensino Médio, três migraram para Boa Vista em busca de formação superior, enquanto os outros dois mudaram-se com suas famílias e buscaram qualificação para o mercado de trabalho.

No momento das entrevistas, apenas dois dos entrevistados estavam cursando o Ensino Superior; os demais exerciam atividades comerciais e estavam apenas trabalhando. Nenhum deles expressou

desejo de retornar ao campo para residir futuramente. Percebe-se que se encontram em melhores condições de vida na cidade, quando comparadas à situação anterior, no meio rural. Vejamos o que diz um dos entrevistados:

A rotina da cidade, né, o setor urbano é totalmente diferente do setor rural, porque há acesso a muitas coisas, eu sendo jovem, essa é a visão de um jovem. Eu não sei a visão de uma outra pessoa com um compromisso a mais, talvez um senhor de idade, talvez ele se sinta realizado no campo, né, porque foi aonde ele nasceu, foi aonde ele cresceu, foi aonde ele se realizou. E eu não, sendo jovem, eu tive que sair para buscar uma outra realidade. Eu alcancei um objetivo e eu entrei num ciclo, uma nova rotina, onde eu fiquei, onde mi completou, talvez seria o que tava faltando pra mim, e eu me sinto realizado aqui (Entrevistado 1).

Semelhante ao grupo anterior, esta categoria de entrevistados respondeu, unanimemente, que a maior parte, senão todos, dos que deixam o meio rural o fazem em razão da falta de oportunidades. Ainda que a saída esteja relacionada à busca por melhores condições de vida, esta se dá, principalmente, por meio da qualificação para o mercado de trabalho. Entre os entrevistados deste grupo, alguns demonstraram afetividade pelo campo; contudo, diante das diversas dificuldades enfrentadas, a decisão de permanecer na cidade prevaleceu.

Não há, para a maioria dos camponeses, forma de se superar todo o desestímulo emanado ao pequeno trabalhador rural. Ou seja, todo o processo de dominação e formação depositada na grande maioria da população camponesa impôs a estas pessoas a conformidade, a passividade e a adaptação ao mundo urbano (Forssard, 2003, p. 27).

Vale ressaltar, ainda, que, apesar do grande número de jovens do meio rural apresentado neste estudo estar migrando do campo para a cidade, muitos não acreditam que isso represente prejuízos significativos para as atividades agrícolas e familiares. Segundo eles, ainda há

peessoas que valorizam a vida campesina e que saem apenas em busca de qualificação profissional, com a intenção de, posteriormente, retornar e contribuir com sua comunidade. Essa percepção foi destacada por um dos entrevistados deste grupo:

Porque muitos saem, eles não saem para nunca mais voltar, mas sim saem para ter um conhecimento da parte da agricultura para que possa terminar esse curso e ao voltar para a parte urbana (rural) ele poder colocar tudo aquilo que ele aprendeu (Entrevistado 2).

Como observado por Sena et al. (2013), há uma baixa expectativa, por parte de considerável número de jovens do campo, em permanecerem no meio rural, em razão da desvalorização do seu ambiente e da ausência de condições e suportes técnicos e públicos básicos e fundamentais, elementos que poderiam garantir sua permanência. A comunidade, de alguma forma, influenciou para que esses jovens não permanecessem nem se desenvolvessem na zona rural. Esses jovens acreditam que, se não forem implantados projetos de infraestrutura para reverter esse cenário, a situação da comunidade de Entre Rios tende a piorar.

Como atesta Morgana (2011, p. 2): “É importante salientar que, tanto o biológico, como o histórico e a cultura, são construções sociais que vão ratificando o tipo de identidade, desde o ser humano, o tipo de sociedade e a diversidade de seres”.

Muitas vezes, segundo Prediger (2009, p. 212), “o ser humano pode sofrer influências internas e exteriores dos diferentes meios sociais em que convive (campo e urbano)”; ou seja, conforme as experiências adquiridas e as perspectivas construídas por esse indivíduo em um meio social em detrimento de outro, ele pode ser levado por correntes e tendências de pensamento para uma realidade à qual acredita pertencer, onde pode melhor dinamizar seus pensamentos e anseios.

Dessa forma, a sociedade em que o indivíduo está inserido pode ser a fonte e o meio pelo qual ele constrói uma nova identidade ou desconstrói a anterior, de acordo com os costumes, valores e perspectivas formadas no campo ou na cidade. Assim, os jovens aqui ana-

lisados podem estar vivenciando um processo de desconstrução de uma identidade rural, ao mesmo tempo em que constroem uma nova identidade urbana.

Jovens Que Permaneceram no Meio Rural Após o Ensino Médio

Em razão da concentração desse público na Vila – jovens de 19 a 24 anos –, a coleta de dados transcorreu com mais tranquilidade. A trajetória de vida desses colaboradores e os motivos pelos quais ainda permanecem no campo podem ser compreendidos, sobretudo, pelo sentimento de identificação com o local e pelo fato de já estarem vinculados, de alguma forma, a atividades financeiras que possibilitam sua permanência na área rural.

A maioria desses jovens nasceu no estado, com exceção de uma participante que veio do Maranhão com cerca de um ano de idade, tendo vivido toda sua infância no meio rural. Em um dos casos, o indivíduo morou até os dois anos em um lote na vicinal; em outro, permaneceu até aproximadamente os dez anos em residência semelhante. Os demais sempre residiram na vila. Em todos os casos, os jovens tiveram sua formação, infância e adolescência, integralmente no campo.

Metade dos jovens desse grupo afirmou acreditar ser possível realizar seus sonhos no meio rural, sem a necessidade de migração. Isso pode ser percebido na fala de uma das entrevistadas: “Eu tenho vontade de ficar aqui. Não tenho intenção de sair. O meu maior sonho é terminar a faculdade e ir dar aulas na escola do campo” (Entrevistada 4).

Já a outra parte do grupo, em razão de suas pretensões e metas para o futuro, não acredita ser possível concretizar seus sonhos e objetivos profissionais permanecendo no campo, uma vez que sua comunidade atual não oferece as perspectivas necessárias para tal.

Tem como eu cursar a distância a faculdade, mas só que eu quero a faculdade mesmo pública. E o curso que eu quero só na capital mesmo que oferece e em busca disso que eu vou. Em busca da realização de um sonho, eu também quero cursar na federal ou na estadual. E é por causa disso mesmo. Dá oportunidade de estudo e de um emprego que aqui não tem (Entrevistada 2).

As desvantagens apontadas por esses jovens referem-se à ausência de cursos profissionalizantes, técnicos e de nível superior; à dificuldade de locomoção para outras regiões; e às deficiências nas áreas de saúde e educação, que ainda são muito precárias. Por outro lado, entre as vantagens de morar no campo, destacaram-se aspectos como a existência de um ar menos poluído, maior tranquilidade, menor índice de violência e o fato de todos os moradores se conhecerem e manterem uma convivência mais próxima.

Esses jovens acreditam que a saída do meio rural se dá, majoritariamente, pela busca de profissionalização, com a intenção de, futuramente, regressarem ao campo. Rechaçam a ideia de que esse movimento migratório prejudicaria as atividades ligadas à agricultura familiar, tendo em vista os avanços tecnológicos que o campo vem acompanhando. Para eles, muitas dessas atividades já podem ser executadas com o auxílio de máquinas, reduzindo a necessidade de mão de obra humana.

Unanimemente, todos afirmaram que o que falta hoje no meio rural são mais oportunidades de emprego e estudo, de forma que os jovens possam se profissionalizar no próprio campo e exercer sua profissão ali mesmo, superando, assim, as limitações ainda existentes quanto ao mercado de trabalho.

Em muitos municípios do interior do país, as atividades agropecuárias ainda são predominantes e exercem um papel importante na economia local, embora em algumas áreas, sobretudo naquelas mais próximas aos grandes centros urbanos e com população com maior poder aquisitivo, também sejam desenvolvidas muitas atividades não agrícolas no espaço rural, por meio da presença de pesque-pagues, hotéis fazenda, agroindústrias, pesqueiros, turismo de aventura, etc. (Medeiros, 2013, p. 110).

O futuro esperado por esses jovens que residem na vila de Entre Rios perpassa por melhorias na área da saúde, com melhor atendimento profissional e disponibilidade de medicamentos; garantia do direito à educação, com um ensino de qualidade e melhor aproveitamento do tempo de aula nas escolas; melhoria da rodovia, das estradas e ruas

que ligam a vila às demais localidades e regiões; além da ampliação da oferta de transporte público, com maior frota de ônibus e horários adequados de saída e retorno para a região. Essas são as principais expectativas desses jovens em relação ao futuro de sua comunidade.

É necessário pensar o que afinal está em jogo ao falarmos de nova ruralidade: é a constatação de novas dinâmicas sociais, culturais e econômicas em curso no mundo rural; ou seria a expressão de um novo olhar informado por outras lentes que permitiram enxergar – sobre uma variedade de espaços socialmente habitados – uma realidade dinâmica, mutável e com plasticidade que até então era definidora da urbanidade (Laubstein, 2011, p. 99).

O que falta hoje para esses jovens é o empoderamento das ações sociais e coletivas, pois as expectativas e inquietações aqui relatadas por esses jovens rurais estão relacionadas ao que aponta Laubstein (2011), ao afirmar que é preciso pensar o novo rural sob a perspectiva de novas dinâmicas sociais, culturais e econômicas, já que o campo também está em constante mudança e evolução.

Jovens Que Voltaram ao Meio Rural

Por se tratar de um grupo que já conhece outras realidades além da zona rural, observou-se maior compreensão do contexto rural-urbano nas respostas desses jovens, que tinham entre 21 e 23 anos. Inicialmente, trataremos dos fatores que levaram esses jovens a saírem do campo, quais sejam: as condições de vida e a atratividade que os centros urbanos exercem sobre os que vivem no meio rural, desafiando-os a deixá-lo.

É importante destacar como o aprendizado dos direitos vem das lutas por essa base material. Por sua humanização. Os movimentos sociais têm sido educativos não tanto através da propagação de discursos e lições conscientizadoras, mas pelas formas como tem agregado e mobilizado em torno das lutas pela sobrevivência, pela terra ou pela inserção na cidade. Revelam à teoria e ao

fazer pedagógicos a centralidade que tem as lutas pela humanização das condições de vida nos processos de formação (Arroyo, 2003, p. 31).

Conforme indicado pelo autor citado, nesse movimento de luta pela permanência no campo, pelo direito à terra ou pela inserção nas cidades, existem aspectos relevantes da formação humana que não podem ser desconsiderados. Tratando especificamente do caso em estudo, o perfil desse grupo de entrevistados permaneceu um pouco mais indefinido em relação aos demais, visto que alguns manifestaram o desejo de permanecer na zona rural, enquanto outros expressaram vontade de regressar para a cidade, em razão das oportunidades e recursos que lá encontraram.

O campo é uma opção para quem deseja se distanciar, ao menos um pouco, das pressões impostas pelo sistema globalizado, das agitações e correrias de uma forma de vida mais intensa, característica dos grandes centros urbanos. É no campo que se notam relações de maior proximidade entre as pessoas, relações mais humanizadas, de lateralidade, horizontalidade e confiança. No entanto, a migração, temporária ou definitiva, dos jovens para a cidade os expõe a um sistema variado de valores, que são absorvidos, assimilados ou rejeitados. Por um lado, esses jovens podem reforçar os laços de identidade com a cultura original do campo; por outro, podem negar essa primeira identidade, construindo uma nova, mais voltada à realidade urbana.

Observa-se que todos os entrevistados tiveram um motivo específico para sair do meio rural. Alguns o fizeram por necessidade de tratamento de saúde e, ao término, retornaram ao convívio com suas famílias no campo; nos demais casos, o retorno ocorreu devido à dificuldade de manter os estudos e o padrão de vida na região urbana onde residiam. É possível perceber, na maioria dos entrevistados, um vínculo afetivo com o local de origem, pois, de forma geral, expressaram seus anseios, pensamentos, planos, projetos e metas em estreita relação com a comunidade rural.

Sim, eu me sinto realizada aqui no meio rural, porque assim como eu já cresci aqui, tem aquelas pessoas que eu já conheço, os colegas. Apesar que alguns já foram embora, mas alguns ainda ficaram aqui. Eu cresci aqui, né. Conheço as pessoas mais idosas. Todo mundo se conhece. Também nós tem qualidade de vida melhor do que quem vive na cidade. Tem menos poluição. Aqui, você pode deixar seu carro, sua moto para fora, sua roupa no varal, que ninguém vai roubar (Entrevistado 4).

Constata-se, como bem expressam Puntel et al. (2011), a existência de um conflito de identidades entre os jovens camponeses, dada a diversidade que atualmente caracteriza a juventude rural, marcada por uma forma plural de ser, resultado das experiências vividas tanto no campo quanto no meio urbano. Aqueles que responderam não se sentir realizados na comunidade atribuíram esse fato ao sentimento de não pertencimento, por já terem perdido o encanto e a identidade com o local. Destaca-se também a frustração em relação à expectativa de estudar na cidade: “Eu voltei de lá de Boa Vista porque não deu certo o que eu tinha pensado, que era ir pra estudar. Como não deu pra mim continuar, eu voltei, né, foi o jeito” (Entrevistado 3).

A grande maioria afirmou não ter intenção de morar na cidade. Talvez, por conta das experiências vividas no meio urbano, ao compararem com a realidade do campo, optaram por permanecer na zona rural, sentindo-se mais acolhidos pela população, pelo modo de vida mais tranquilo do interior e pela proximidade com pessoas queridas. No entanto, nem todos compartilham dessa visão, e, conforme também se observa nas entrevistas, alguns permanecem no campo apenas por falta de melhores oportunidades para sair. Entre as opiniões dos entrevistados, surgiram sugestões relacionadas à criação de incentivos e estratégias políticas, bem como projetos, palestras e cursos, voltados à formação e ao desenvolvimento de meios sustentáveis para que os jovens possam estudar, trabalhar e se manter no campo. Ou seja, caso haja motivação e perspectiva de trabalho, renda e educação, o futuro desses jovens poderá, de fato, acontecer ali mesmo.

Considerações Finais

Apesar da multiplicidade de fatores envolvidos, entendemos que a saída da juventude do campo pode ser explicada, principalmente, pela busca por educação, muitas vezes inacessível na zona rural, constituindo-se no principal fator explicativo do movimento migratório dos jovens da vila de Entre Rios. Urge ampliar a oferta de educação para os jovens do campo, bem como para homens e mulheres que ali vivem, assegurando os direitos previstos na Constituição por meio de políticas públicas mais adequadas, que garantam e efetivem esses direitos às pessoas que escolhem o campo como lugar para viver. Como afirmam Arroyo, Caldart e Molina (2004, p. 53): “[...] é fundamental que a educação pense o desenvolvimento levando em conta os aspectos da diversidade, da situação histórica particular de cada comunidade, os recursos disponíveis, as expectativas, os anseios dos que vivem no campo”. Ainda prevalece a desvalorização do campo e de quem nele mora e trabalha. Entre esses brasileiros, muitos vivem sem suporte, auxílio ou estrutura pública, e sem o devido apoio de seus representantes políticos, enfrentando dificuldades para encontrar alternativas viáveis de permanência no meio rural. Nesse contexto, a educação se destaca como fator central do ponto de vista da emancipação.

A educação para as famílias rurais é enxergada como o caminho para uma vida melhor. Verificamos que a própria família incentiva o jovem em continuar na escola, argumentando que, dessa forma, ele poderá ter melhores empregos e deixar de lado a agricultura, haja vista, os responsáveis familiares sofrerem com a exclusão das políticas públicas e da acessibilidade à modernização agrícola, ficando à margem do desenvolvimento rural (Sena; Olalde; Silva, 2013, p. 5).

Sabemos que os motivos tanto para a permanência quanto para a saída dos jovens do campo, conforme levantado neste trabalho, ultrapassam a realidade específica da Vila de Entre Rios. Ainda assim, é evidente a necessidade urgente de políticas públicas que garantam

não apenas o acesso, mas também o direito à permanência desses jovens no meio rural. É igualmente essencial o fortalecimento de ações que promovam o reconhecimento e a valorização das identidades e especificidades do que é ser do campo e do que é ser da cidade.

A expectativa desses jovens em relação à comunidade de Entre Rios gira em torno de um futuro mais promissor. Desejam que o lugar onde viveram grande parte de suas vidas, tanto os que permaneceram quanto os que migraram, possa se tornar um espaço mais desenvolvido, com investimentos públicos adequados, capazes de garantir o bem-estar coletivo e promover uma cidadania efetiva por meio de políticas públicas.

Referências

ARROYO, Miguel. Pedagogias em movimento – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais?. **Currículo sem Fronteiras**, v.3, n.1, p. 28-49, jan/jun, 2003. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2003/vol3/no1/3.pdf> Acesso em: 12 jun. 2024.

_____; CALDART, Roseli; MOLINA, Mônica (Orgs). Por uma educação do campo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BRUMES, Karla Rosário; SILVA, Márcia. A migração sob diversos contextos. **Bol. Geogr.**, Maringá, v. 29, n. 1, p. 123-133, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/270086169_A_migracao_sob_diversos_contextos Acesso em: 10 jun. 2024.

FORSSARD, Antônio Carlos. **Identidade do jovem rural confrontando com estereótipo de jeca tatu**: um estudo qualitativo com os jovens da EFA Rei Alberto I. Nova Friburgo - RJ, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAUBSTEIN, Fernanda Cristina. A ruralidade ontem e hoje: Uma análise do rural na contemporaneidade. **Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP**. Aurora, ano V n. 8, p. 92-102, ago. 2011. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/1280/1124>. Acesso em: 13 ju. 2024.

LEÃO, Geraldo; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel (orgs). **Juventudes do campo**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015.

MARSCHNER, Walter. Lutando e ressignificando o rural em campo – notas epistemológicas. **Interações**, Campo Grande, v. 12, n. 1 p. 41-52, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-70122011000100005> Acesso em: 15 jun. 2024.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. 3. ed. Trad. Carlos A. Silveira. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MEDEIROS, Rosângela Ap. de Hespanhol. **Campo e cidade, rural e urbano no Brasil contemporâneo**. Mercator, Fortaleza, v. 12, n. 2, p. 103-112, set. 2013.

NERI, Marcelo Côrtes; MELO, Luisa Carvalhães Coutinho de; MONTE, Samanta dos Reis Sacramento. **Superação da Pobreza e a Nova Classe Média no Campo**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, Editora FGV, 2012.

PREDIGER, Solange. **A representação social e a construção das identidades entre os jovens rurais**: iguais ou diferentes. Curso de Comunicação Social, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. X Salão de Iniciação Científica – PUCRS, 2009, 2212 p.

PUNTEL, Jovani Augusto; PAIVA, Carlos Águedo Nagel; RAMOS, Marília Patta. Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo. Ipea. **Anais do 1 Circuito de Debates Acadêmicos**. Code, 2011. p. 20. Disponível em: <http://ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area3/area3-artigo20.pdf>. Acesso em: 30 out. 2018.

RUA, João. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. **Revista Campo-Território**, Uberlândia, v. 1, n. 1 Fev., p. 82–106, 2006. DOI: [10.14393/RCT1111781](https://doi.org/10.14393/RCT1111781). Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/11781>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SCHMITT, Aurélio. Entre Rios de Roraima (Caroebe-RR) – Uma localidade que pleiteia emancipação. **Blog Conexão Emancipacionista**, Sexta-feira 19 de julho de 2015. Disponível em: <http://aurelioschmitt.blogspot.com.br/2015/06/entre-rios-de-roraima-caroebe-rr-uma.html>. Acesso em: 12 set. 2024

SENA, Edinaldo de Oliveira Alves; OLALDE, Alicia Ruiz; SILVA, Paulo Silas Oliveira da. 15020 - Educação e Permanência no campo: Os desafios dos Jovens Rurais no Município de Governador Mangabeira, Bahia, Brasil. **Cadernos de Agroecologia**, v. 8, n. 2, dez. 2013. Disponível em: <http://aba-agroecologia.org.br/revista/index.php/cad/article/view/15020>. Acesso em: 20 maio 2023.

TRIVIÑOS, Augusto Niboldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: _____. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 130-135.